

Plano do Citi para a conversão

O Citicorp, maior credor brasileiro, está disposto a converter dez a 12% de seus empréstimos em investimentos num prazo de cinco anos. Com um total de créditos ao Brasil estimado em US\$ 4,6 bilhões, quase o dobro do Chase Manhattan, segundo colocado na escala dos maiores credores, o Citicorp está pronto para converter, nessa fase inicial de cinco anos, cerca de US\$ 500 milhões, "torce" para que o Brasil regulamente logo a conversão e espera que essa regulamentação não seja muito restritiva.

A posição desse credor, holding do Citibank, foi apresentada ontem por seu vice-presidente, Antônio M. Boralli Jr., durante palestra no IV Encontro Anual de Executivos Financeiros, promovido pelo Ibec, instituto que congrega os administradores financeiros das principais empresas que operam no Brasil.

O Citicorp, segundo Boralli, busca formar uma carteira diversificada de investimentos diretos representativos da economia brasileira, com aplicações médias de US\$ 5 milhões a US\$ 15 milhões por projeto. Seu objetivo não é controlar ou gerenciar empresas. "Queremos investir em boa administração e em empresas com estratégias saudáveis de crescimento de negócios", afirmou.

Para o vice-presidente do Citicorp, o regulamento de conversão deve ser amplo e flexível para desper-

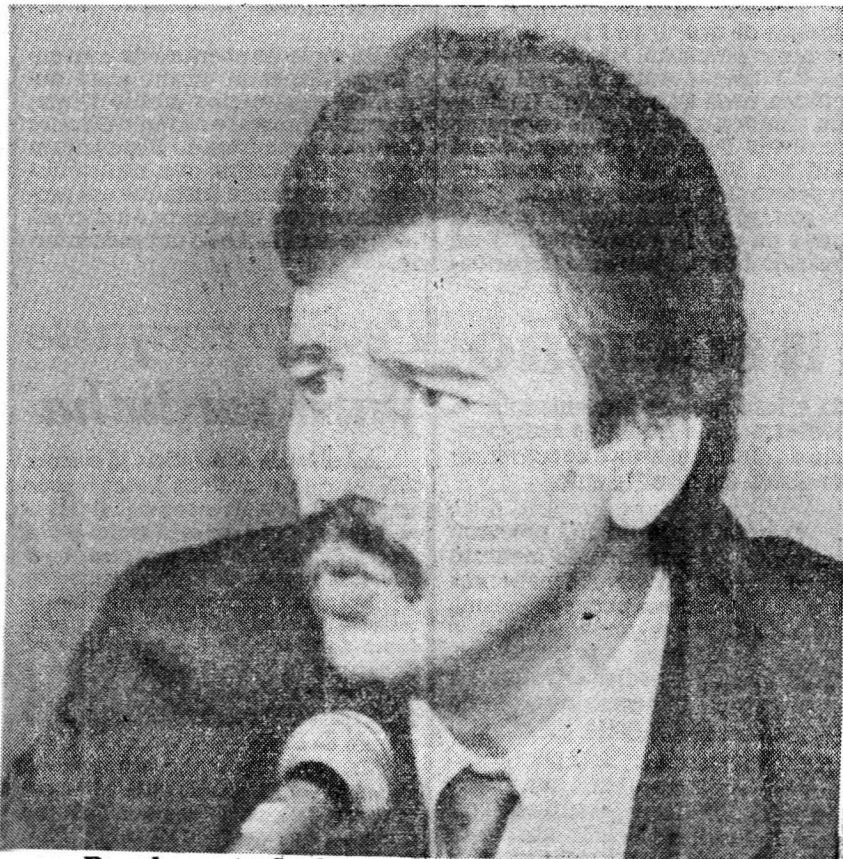
tar interesse dos credores, podendo ser ajustado posteriormente se houver fluxo de recursos acima do desejado. Ele entende que a conversão deve ser feita sobre o principal da dívida e não sobre os juros, forma que considera impraticável pelos bancos.

Além disso, Boralli não acredita que, na conversão, o Brasil se beneficie com o deságio de aproximadamente 45% que incide atualmente na venda de créditos no Exterior.

PRAZOS DE REMESSA

Adroaldo Moura da Silva, vice-presidente do Banco do Brasil, disse que o regulamento sobre conversão deve fixar prazos para repatriação dos recursos e para remessa de dividendos, além de um tratamento diferenciado para os diversos tipos de dívida. Jan Jarne, diretor do Banco Itaú, sugeriu a criação de um fundo no Exterior, para comprar dívidas de pequenos credores que querem sair do Brasil. Com os créditos adquiridos, esse fundo passaria a atuar como investidor direto nas empresas ou, indiretamente, através das Bolsas de Valores.

O presidente do Banco Central, Fernando Milliet, disse que a regulamentação sobre conversão de dívida ainda demorará algum tempo, mas adiantou que o governo não pretende subsidiar essas operações e que elas deverão ser atrativas por si mesmas.



Regulamentação demorará algum tempo, diz Milliet